

"CLOSE-UP" DO AMIGO MORTO (*)

Rafael Felloni

Não diria que a morte do meu querido amigo **Carlos Coqueijo**, o eminente ministro **Carlos Coqueijo Torreão da Costa**, foi inesperada.

Sou dos que pensam que a morte é uma possibilidade inerente à própria vida, com a qual devemos sempre contar, ou seja, a presença da morte é inafastável dos processos vitais; quero dizer: a morte é uma parceira co-participante invisível, nas afirmações mais pujantes da vida.

Vida e morte são formas de estruturação da matéria, nas quais o que varia são as expressões delas resultantes.

Ora a energia criadora dos movimentos livres, quando a vida esplende, ora a imobilidade, em que, surdamente, novas formas vitais se gestam, nas sombras do sepulcro.

Então, não há mortes inesperadas ou surpreendentes. Inclino-me a pensar que a morte de **Coqueijo**, contingência de sua condição de ser vivo, é, antes, dolorosa e pungente para os que lhe sobrevivem, na lembrança enternecida de sua grandeza moral, do seu fino espírito, em que rutilavam, como num diamante raro, tantas facetas de luz.

Morto o amigo inexcedível, vítima da tocaia lóbrega de microorganismos, ele que tanto os temia e evitava, no culto obsessivo das práticas higiênicas, resta-nos manter restaurada, na vibração de suas manifestações, a generosa mensagem que nos legou, traduzida nas múltiplas produções de uma inteligência versátil, inquieta e fecunda.

Ainda ontem, outro amigo insigne de **Coqueijo**, o apolíneo professor **Orlando Gomes**, celebrava, em bela página comovida, o passamento do discípulo querido.

Continuam sucedendo-se as homenagens à sua memória; isto é viver, em plenitude, na restauração emocional das lembranças exumadas.

Um dia, coincidentemente, recebi em minha casa a visita de **Coqueijo** — seria sua última visita, e de um outro amigo, um "scholar" antilhano, de formação cornelliana.

Depois de uma sessão de controvérsias e pausas para música de Mahler, o meu amigo do Caribe, despedindo-se, agradeceu-me a oportunidade de conhecer **Carlos Coqueijo**, declarando, sem ocultar o encantamento: "Você me apresentou a um vulto da Renascença".

(*) "A Tarde". Salvador, 04.02.88, pág. 6.

Havia, em verdade, na euforia daquele pálido jurista, músico, professor, qualquer coisa de um esteta florentino da Renascença, fazendo lembrar os versos de Ulrich Von Utten, o amigo de Erasmo: "Os tempos despertaram; é bom viver".

Neste fim de século áspero e sombrio, em que já se tentou identificar um novo crepúsculo medieval, **Coqueijo** multiplicou-se, na numerosa pluralidade de sua alegria criadora, em mil atividades díspares; foi cronista do quotidiano, ensaísta, musicista, professor e, como juiz, um padrão de honradez e circunspeção, quando transitava, com desenvoltura de toureiro, nos meandros da processualística; mas, foi sobretudo no culto carinhoso das plantas tenras, tão sensíveis, da amizade viril, que ele se empenhou, com a paciência de um sacerdote.

É o vulto do amigo, nobre amigo, na conservação dos afetos desinteressados, sem laivos de comércio profano, que eu recordo aqui, revitalizando-o, na significação docente de sua grandeza moral, como indicando rumos a nós, que lhe sobrevivemos.

Esta nossa Bahia, tão pobre de valores genuínos e de repúblicos, desde os tempos de frei Vicente do Salvador, só não está mais pobre agora, morto **Carlos Coqueijo**, porque, como adverte sabiamente o mestre Orlando Gomes, ele deixou uma obra que permanece.

Resta-nos lamentar, nas viagens a Brasília, que lá não mais encontraremos, nas amplidões do cerrado, o sorriso leniente de **Coqueijo**, esteta florentino, exilado nas asperezas deste século de brutos.